

Resenha Comentada do Livro Witness to the World de David Bosch

Logo no seu prefácio, o autor declara ser o seu livro um trabalho sobre teologia de missões. Ele divide sua área de pesquisa em quatro grandes partes:

- 1) Teologia contemporânea de missões;
- 2) Fundamentação bíblica de missões;
- 3) A teologia de missões na história e;
- 4) A busca por uma teologia de missões.

Optaremos por abordar esta obra do autor utilizando-se das suas quatro macro divisões, visto que o detalhamento oferecido pelo autor em 23 capítulos, tornaria a resenha muito extensa.

Parte 1 - Teologia Contemporânea de Missões (Cap. 1 a 4)

Na primeira parte do livro é apresentado de forma prática e, intencionalmente evolutiva, um arcabouço do desenvolvimento da teologia contemporânea de missões. Partindo de Edimburgo (1910) e lançando mão das considerações de W. Freitag, é feita uma breve análise da ênfase de cada reunião do ICM e WCC. A intenção do autor é mostrar a instalação de uma crise, sem precedentes, no conceito de missões. Optando sempre pela macro visão, a história é dividida em três blocos: 1) A igreja primitiva (30-300) - um forte "movimento" missionário que logo apresentou institucionalização como fator preservador; 2) A era Constantino (318-?) – onde os dons foram substituídos por cargos e os ofícios, principalmente o bispado, recebidos por privilégios, levando à ossificação do "movimento" que agora se torna "instituição"; 3) A era pós-Constantino – onde os conceitos se tornaram extremos e conflitantes. Para Bosch, o elemento final da crise em missões é a grande incerteza do que missão realmente venha a ser, daí sua decisão de escrever esta obra enfocando diretamente o que é missões. Esta é a chave hermenêutica interpretativa deste livro.

Buscando logo oferecer uma definição de missões, é feita considerações sobre a relação entre missões e evangelismo. Excluindo de imediato que nem tudo é missões, é defendido que os termos não são sinônimos, mas afins. Rejeitando a posição de que evangelismo deve ser entendido como qualquer ação de proclamação no nosso ambiente geográfico e missões como ação em lugares distantes, é também descartada a idéia da prioridade da proclamação sobre a ação social na ação missionária. A partir daí, o autor dar o seu conceito de missões afirmando que evangelismo e missão são partes da vida da igreja, e que "missões é o símbolo da igreja movendo-se em direção do mundo", é a "igreja cruzando fronteiras", é "a tarefa total que Deus tem dado para a igreja em prol da salvação do mundo".

Consciente da necessidade de uma fundamentação teológica para suas afirmações, é oferecida uma abordagem sobre o Fundamento de missões e o motivo e alvo para missões. O autor reconhece uma "tensão criativa" entre teologia e prática missionária. Ele mostra a teologia como tendo a "função primária de explorar a natureza e conteúdo

do evangelho e investigar se a prática eclesial reflete plenamente o evangelho". Assim, a teologia desafia a igreja a ser o que, em Cristo, ela já é, corrigindo-a do erro. Por outro lado, não se deve esperar que a teologia produza ou estimule fervor missionário na igreja. Uma vez que fé, visão, fervor e perseverança são concedidos pelo Senhor da Igreja, só Ele pode produzir missões.

Ao condenar o antagonismo entre reflexão e prática missionária, Bosch mostra que o apóstolo Paulo associou sua teologia à sua prática missionária. A real intenção é deixar claro que teologia deve ser entendida "como pressupostos e princípios básicos que dão direção às nossas atividades eclesiais". É dito não ser possível ter missão sem teologia, sendo a recíproca viável, porém, jamais podendo ser chamada de teologia genuína. Interessante é a sua análise, quanto o conceito de "evento-movimento" e "instituição-estática". Embora o movimento peça pela instituição em busca da sua preservação, uma polarização é vista como "ossificante" e geradoras de reações teológicas de oposição do tipo "movimento-libertação". É aqui que é defendido um equilíbrio, o exercício de uma "tensão criativa", pois "missão é por definição um elemento de renovação".

Concluindo a primeira divisão do livro, é analisado os dois modelos missionários mais importantes: o Evangelical e o Ecumênico, sendo este último forte e ativo no WCC. Reconhecendo que sua divisão em apenas dois modelos é muito restritiva, mesmo assim ela é adotada advogando ser mais útil para o objetivo do trabalho. Na perspectiva evangelical, missões tem sua motivação primária como fruto da grande comissão, pois a autoridade da Bíblia é aceita inquestionavelmente. De forma secundária, está a consciência que o pecador não pode crer e ser salvo, sem o anúncio do evangelho. O mundo é visto como mal e subjugado por Satanás, a igreja, principalmente pelos dispensacionalistas, é um "bote de salvação" resgatando vidas em um "mar hostil". A ação social é a ação da igreja e consequência do evangelismo ou meio para a evangelização. As religiões não cristãs são rejeitadas e há um duplo conceito da obra missionária: Quando a ênfase é na tarefa-evento, então se polariza a ordem dada a indivíduos crentes para "ganhar os perdidos para Cristo". Quando o foco é institucional, então missão é vista como plantação de igrejas e expansão das mesmas.

Do outro lado, estão as perspectiva ecumênicas sobre missões, e que enfatizam fortemente a "presença do evangelho", na qual o que conta não é quem a igreja é, mas o que ela faz. No propósito de trazer o "shalom" para o presente, os ecumênicos advogam que a ação de Deus está fora da igreja, e portanto, também, nas religiões não cristãs. Tal postura conduz a não necessidade de conversão, logo missões é fazer um budista ser um melhor budista, um muçulmano um melhor adorador de Alah, afinal é neles que Deus está agindo. Estas duas polarizações são vistas como irreconciliáveis, haja vista as muitas discrepâncias e freqüentes trocas de acusações.

Parte 2 - A Fundação Bíblica de Missões (Cap. 5 a 9)

Ao começar a segunda parte do livro, o autor defende a necessidade de uma teologia bíblica de missões que seja sadia. Ele não descarta o uso de parte dos modelos evangelical e ecumênico como ferramenta para a fundamentação missionária. Estabelecendo as suas bases e conceitos, todo o capítulo 5 é dedicado a um arrazoado sobre hermenêutica (pressupostos, chave interpretativa, distanciamento cultural, etc.). O autor se posiciona como um teólogo de centro, rejeitando a polarização evangelical ou ecumênica. Após identificar os prós e contra de cada posição, é oferecido ao leitor uma teologia de missões que adota o método chamado de "veio central da mensagem da escritura", onde as pequenas variações dos registros não são vistos como fundamentais e distorcedores da verdade central. A partir desta plataforma hermenêutica, o autor

apresenta uma teologia de missões fundamentada em quatro pilares: 1) *A compaixão de Deus* como fator revelador das ações divinas, rejeitando qualquer mérito humano como motivo do agir ou reagir de Deus. Deus escolheu Abraão, formou um povo, deu-lhes a lei, providenciou uma terra, através deste povo trouxe o Salvador compassivo e misericordioso, chamou a igreja, e tudo isto por compaixão e bondade divinas. Compaixão é por ele apresentada como traço interpretativo e missiológico que une o AT e o NT, complementando-se. 2) *A História é de Deus*. Rejeitando a posição que apenas vive de interpretar o passado, e também aquela que apenas espera o futuro, Bosch argumenta sobre a ação divina fazendo história real, pois os fatos registrados das ações divinas não são mitos, são eventos no tempo e espaço. O presente é o momento onde a igreja tem o privilégio de fazer parte da missão de Deus, e o futuro é a certeza que Ele levará à cabo a sua história. Para Bosch, "história é a história do próprio Deus, é a história dos seguidores de Jesus em direção ao mundo". 3) *Testemunho do AT e no NT*. Na terceira base de sua teologia de missões é apresentado a associação do fator sofrimento com a tarefa missionária. Partindo das profecias sobre o servo sofredor de Isaías 53 e indo até o apostolado de Paulo, o qual se expõe sem reservas aos perigos pelo ardor missionário, e ainda lançando mão dos escritos de Bonhoeffer, o martírio é mostrado como parte do campo de missões. Assim a disposição de sofrer é também um fundamento missionário, pois estar disposto em caminhar em direção à cruz é aceitar o sofrimento, mas é também reconhecer que a mensagem da cruz é mensagem de salvação. 4) *A missão é de Deus*. Credo que a Bíblia é um livro que objetiva enfatizar o que Deus faz e não o que o homem faz. A eleição de Israel como luz às nações, e sua ação como testemunha ao ser obediente ao seu chamado, deve ser visto como ação de Deus. "Israel, a igreja são servos, Deus é o real missionário". Muito bem elaborado é a questão da missão centrípeta do AT e a centrífuga no NT. Embora reconhecendo a ênfase centrífuga do AT, é claramente demonstrado que há no AT centrifugalidade, onde os limites distantes da terra são também alvos da salvação de Deus via Israel (Is. 49:6). Por outro lado o NT é visto não apenas como missão centrífuga. Magos vêm conhecer o messias, gregos também, o oficial romano procura Jesus, dando a idéia que salvação pode ser achada em Israel (Jo. 4:22). O ponto alto de sua argumentação reside no fato dele distinguir missões do conceito de ir e vir geográfico, questionando, acertadamente, se o cruzar fronteiras geográficas é o elemento que a Bíblia entende por missões. Em missões, a participação do homem não é a de autor, colaborador voluntário ou mesmo competidor, ele pode apenas ser servo, e isto somente quando ele está em Cristo.

Finalizando a sua teologia de missões, o autor oferece a conexão entre os quatro fundamentos. O Deus que é misericordioso com o estrangeiro, viúvas e órfãos de Israel e, através de Jesus expandiu a misericórdia a todos, é por excelência o Deus da história, Ele usa categorias humanas que são desprezíveis para transformá-las em valor, a fraqueza se torna fortaleza, a pobreza riqueza, a perda lucro, enquanto o seu servo missionário testemunha no mundo. Em uma análise final, a missão é de Deus, "é Ele mesmo que age entre as nações através de Jesus, no qual os crentes se unem e existem".

Parte 3 - A Teologia de Missões Através do Tempo (Cap. 10 a 17)

Esta é a parte mais extensa do livro. A proposta aqui não é apresentar uma pesquisa histórica das missões cristãs, mas pesquisar as formas nas quais a igreja, e em um estágio posterior, a instituição cristã, tem entendido a sua responsabilidade missionária. Ressaltando-se o valor de compreender a história a partir de um fundamento normativo, permite-se que a missiologia se utilize de uma ação crítica de como ela mesma tem sido compreendida através dos séculos. Isto, de pronto, segundo o autor, condena as abordagens missiológicas do tipo "culto aos ancestrais" e "auto idolatração". O primeiro

absolutiza a história denominacional, o segundo age como se o missionário fosse o primeiro a saber como o trabalho de Deus deve ser feito no mundo. Assim, oferecendo uma visão geral e resumida, Bosch acompanha a evolução da compreensão teológica de missões, dividindo o seu escopo de análise em sete períodos:

1) *A Igreja Primitiva*. Comunidade a ser vista como um corpo ambivalente que está mas não é do mundo, escatologicamente perfeita mas é uma comunidade imperfeita; se apresenta com todo ardor de um "movimento" que para se preservar de heresias se institucionaliza; é o corpo santificado pelo Espírito Santo e enviado para o mundo.

2) *A Era Constantino*. É a partir daqui se instala a mudança dos conceitos, missão passa a ser apenas a expansão da igreja e fora da igreja não há salvação. Como resultados maléficos gerados por este erro são citados: Triunfo do espírito grego onde a definição sufocou a não definição judaica de Deus, Propaganda cultural, Despaganização como missão, Conversão por coerção. Como "movimento" em reação a idéia do "mundo já cristianizado" surgiu o monasticismo.

3) *De Alexandre VI a PIO XII*. Este é o período que envolve as grandes descobertas, a renascença, o patronato igreja-império. A igreja Católica interpreta missões como tarefa de atingir os remanescentes pagãos que vivem em lugares distantes. Missão era "um assunto da cadeira de São Pedro".

4) *De Martinho Lutero a Martinho Kähler*. Ocorre aqui mudanças no continente europeu sobre o conceito de missões, especialmente na Alemanha. Os reformadores resgatam a dimensão soteriológica sem mudar o conceito igreja-estado, ênfase no apocalípcismo (Lutero), crença que o mundo pode ser mudado (Calvino), Europa também passa a ser vista como campo missionário. Na segunda reforma, surgida na Holanda, Voetius advogou missões como conversão dos gentios, Plantar igreja, Manifestação da misericórdia e glória de Deus. É neste período que surgem os anabatistas entendendo missões como "disposição e compromisso com a obra de Deus". Surge também o movimento pietista com grande ênfase nos sentimentos e na conversão; Schleiermacher com o conceito de propaganda eclesiástica que deveria envolver propaganda cultural; e por fim as idéias de Gustav Werneck e Martinho Kähler do "duplo fundamento de missões": a igreja é o povo de Deus ativo no mundo e missão é a cristianização dos povos, sendo adicionado posteriormente por Kähler a necessidade do *testemunho* (*martyria*) nas missões.

5) *De Jonh Eliot a Jonh Mott*. Partido do fato que nos dois últimos séculos o mundo de fala inglesa produziu quatro quintos do esforço missionário protestante, Bosch dedica especial atenção ao conceito de missões neste ambiente e identifica cinco grandes momentos no desenvolvimento do conceito de missões. O primeiro é fruto da teologia puritana que introduziu o conceito do "*Reino da soberania de Deus*". Jonh Eliot e Richard Baxter apontavam três elementos de missões:

- a) Deus é soberano Senhor de missões;
- b) Ele se utiliza de meios para atingir a redenção do homem;
- c) O homem é responsável por aceitar ou rejeitar o evangelho.

O conceito missionário puritano desenvolveu a teologia da "melhoria progressiva" em quatro estágios:

- a) A conversão das almas;
- b) O ajuntamento dos crentes em comunidades;
- c) Cristo reinaria em um estado quando o governo nacional proclamasse a vontade de Deus como a mais alta autoridade;
- d) O governo universal de Cristo é então estabelecido.

O segundo momento é marcado pelos avivamentos com J. Edwards e Whitefield, que mudaram a concepção puritana inicial, que agora é interpretada como futura, e deu lugar a teologia do "*Reino da graça de Deus*", permitindo que o calvinismo, gradualmente, fosse modificado por ênfases arminianas. O conceito de missões passou a significar proclamação para a conversão do indivíduo, o "mundo deserto" está agora no coração do homem. É neste ambiente teológico que surgiu W. Carey e a explosão missionária onde missões significou, basicamente, missões estrangeiras. O terceiro momento surgiu como resultado do grande avanço missionário que provocou dinamismo na igreja, fazendo surgir a teologia do "*Reino da Esperança*". O aumento considerável do "prato instituição" da balança pesou novamente, e quatro fatores deram lugar a quatro novos conceitos de missões:

- a) *O Denominacionalismo* . Transferiu a força das missões para as denominações confundindo missões com expansão da igreja denominacional.
- b) *O Adventismo* . Movimento que mesmo tendo erros e heresias despertou o senso da volta de Cristo, gerando urgência missionária.
- c) *O Evangelho Social* . Com esta posição a teologia humanizou a Deus e divinizou o homem. O homem passou a ser tido como "bom", portanto, a implantação do reino é fruto de uma auto-redenção e não de "obra missionária para conversão".
- d) *O Movimento Voluntário Estudantil de Mott* . Gigantesco movimento que reacendeu o ardor missionário e idéia sobre missões volta a ser entendida como "uma obrigação em obediência à ordem de Deus".

O quarto momento é o resultado do aumento das atividades missionárias, este aumento não permitia que as organizações e igrejas ignorassem umas às outras. Surgiu então a teologia *missionária ecumênica*. É neste contexto que é planejada a Conferência Missionária Internacional em Edimburgo em 1910, onde a ênfase não questionou o significado de missões em si mesma, mas abordou como conquistar o mundo. As mudanças começaram na conferência de Jerusalém em 1928 quando se reconheceu que o cristianismo não era a religião do ocidente, e que este também era alvo de missões. Naquela reunião, o liberalismo teológico americano conseguiu expandir o conceito social na tarefa missionária. Segundo Bosch, Karl Barth teve grande influência no retorno ao conceito de *Missio Dei* e à teologia do apostolado, tendo seus escritos impactado a reunião do CMI em Tambaram em 1938. Por fim, o quinto e último momento, surge com a incorporação do CMI ao Conselho Mundial de Igrejas. A influência do Vaticano II na teologia, volta a conceber a igreja como causa da existência de missões, e os evangélicos são agora considerados como "irmãos distantes". Após oferecer uma avaliação da

teologia católica e da Igreja ortodoxa, o autor identifica uma mudança significativa na ênfase missionária que migra de "encontro de cristão com homens de outras fés", para "diálogo entre homens de fés vivas". O ponto máximo de distância é dito ser em Uppsala, o qual considerou missões como "humanização". Como resposta surgiu o encontro de Lousanne, promovido pelos evangélicos com o objetivo de reconduzir a igreja de volta aos seus alvos espirituais e sociais.

Parte 4 -(Cap. 18 a 23)

Esta última parte é dedicada a necessidade de se estabelecer um caminho para a teologia de missões. Isto é feito ao mesmo tempo que se corrige as distorções polarizantes dos modelos evangelical e ecumênico. Partindo da definição que missões "é um aspecto essencial da vida da igreja e do indivíduo cristão", é feita uma diferenciação entre *direção* e *intenção* missionárias. É dito que toda ação da igreja tem uma direção missionária, mas nem toda ação tem uma intenção missionária. Corrigindo distorções, um alerta é dado contra a polarização dos evangelicais de manter a igreja afastada do "mundo", o que pode conduzir à três erros:

- a) *Dicotomização*, entre doutrina e vida, criando-se uma espécie de "paranóia cristã";
- b) *Conservadorismo seletivo*, fruto de se enfatizar todas as coisas neste mundo como temporárias, sem importância, gerando um apego, quase fanático, às estruturas.
- c) *Cristo é apenas o cabeça da igreja*. Perde-se a idéia mais ampla do Reino de Deus, colocando o mundo como campo do inimigo da igreja e não como campo missionário que também pertence a Cristo.

Analisando as conseqüências da posição do grupo dos ecumênicos, chega-se a uma denominação condenatória de "evangelho diluído" e dá as razões:

- a) A caridade se torna revolução;
- b) A ressurreição de Cristo é a salvação de todo universo;
- c) A escatologia bíblica é trazida para o agora;
- d) A sociedade, a história e os eventos do mundo são considerados como "a mina" onde se deve examinar a experiência missionária
- e) A igreja é irrelevante por ser vista apenas como mais um elemento no mundo. Bosch refuta essas posições ao alegar que a Bíblia é normativa e que homem algum recebeu o mandato de reavaliá-la ou mudar a doutrina da salvação.

Abrindo a estrada para uma teologia de missões reformada, é exposto, como ponto de partida, uma exposição eclesiológica. Nesta seção a igreja é apresentada como diferenciada do mundo, embora esteja nele. É ela que tem a fé, que pode orar, proclamar e que pode ter uma relação pessoal com Deus. O mundo não! A igreja "é a comunidade dos crentes, ajuntados por divina eleição, chamado novo nascimento e conversão, cujas vidas em comunhão com o Deus triúno, é concedido o perdão dos pecados e mandados para servir o mundo em solidariedade com toda

humanidade". Assim na teologia de Bosch há um duplo movimento, a igreja sai do mundo por ser eleita e restaurada por Deus e para Deus, mas é enviada de volta ao mundo com uma missão. Missão que tem como o escopo o testemunho, o qual deve ser entendido como ação balanceada da pregação, da comunhão, da Diaconia e da Liturgia (encontro com Deus).

Entendendo que igreja é participante da história, o autor elabora muito bem a questão da história da salvação à parte da história do mundo que é dita governada por forças diabólicas, e a corrente oposta que faz a história do mundo a própria história da salvação. Bosch advoga a posição de que "Deus age na história, e a história da salvação não é algo divorciado e segregado da história do mundo". Para ele, o ponto focal do envolvimento de Deus na história do mundo é chamado de missões. Não sendo esta intervenção uma obra acabada, o conceito de "missão como um evento escatológico" é introduzido, e como fator gerador de seis implicações:

- 1) Missão nunca pode ser considerada como pré-condição ou pré-requisito para a vinda do fim;
- 2) Missão como evento escatológico, não deve produzir uma igreja que desenvolva uma mentalidade de gueto e se volte para si mesma;
- 3) Missão sendo também um evento escatológico relembra a igreja que a tarefa está inacabada;
- 4) Missão procede da certeza de que o Reino de Deus não é somente uma realidade futura, mas já está presente em nosso meio;
- 5) Missão como evento escatológico significa que nossa ação missionária, nos aproxima do cumprimento e do fim;
- 6) Por fim, o conceito escatológico de missão significa que o mundo está sendo infundido com esperança.

O último capítulo desta quarta seção do livro conclui o trabalho do autor apresentando missões como *missio Dei*. Com um breve histórico e análise bíblica do desenvolvimento do conceito de missões como missão de Deus, ação do Pai do Filho e do Espírito Santo, o fechamento do seu trabalho nos conduz a ver missões como a mais alta expressão do amor de Deus pelo homem e cosmos criado. A missão concedida por Deus à sua igreja, é mensagem de fé, esperança e amor, e isto não é uma tarefa apenas de alguns cristão, mas de todos. O fronte missionário hoje é todo lugar, nossa vida inteira no mundo é vida-em-missão. Por outro lado, em missões não há uma classe especial de religiosos, todos "são meramente mendigos que dizem a outros mendigos aonde achar pão". É a igreja em missão que possui a esperança e o amor para o mundo. Bosch conclui a sua teologia de missões dizendo que "Missão é a igreja-cruzando-fronteiras-na-forma-de-serva".